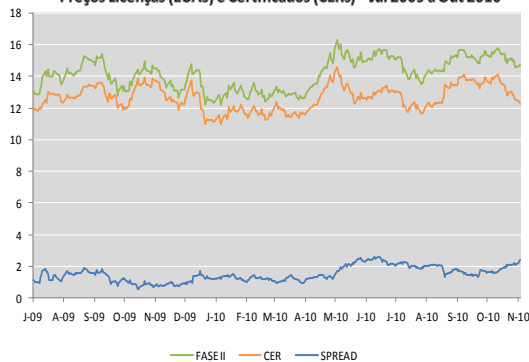


Preços Licenças (EUAs) e Certificados (CERs) - Jul 2009 a Out 2010



valores em €	29-Out	MoM	%
EUA Spot	14,59	-0,74	-4,83%
Fut 2010	14,64	-0,46	-5,00%
Fut 2011	14,95	-0,27	-4,78%
Fut 2012	15,43	-0,75	-4,64%
CERs Spot	12,50	-1,24	-9,02%

	29-Out	%
UK Gas (NBP p/th)	47,61	2,32%
Carvão (API2 USD/t)	104,75	8,70%
Brent (USD/barrel)	83,15	1,02%
Crude (USD/barrel)	81,43	1,83%
German Baseload	47,35	-5,02%

Mercados de CO₂

CARBONO CORRIGE 5% EM OUTUBRO

Os preços das licenças e créditos de carbono corrigiram fortemente no mês de Outubro, em linha com a queda dos preços da electricidade no centro e norte da Europa, mantendo-se a estreita correlação de movimentos entre estes activos. As temperaturas acima da média para esta altura do ano, e uma maior disponibilidade de energia nuclear, diminuiram temporariamente a necessidade de produção termoeléctrica e conseqüentemente a necessidade de compra de licenças de carbono. Para além dos fracos dados fundamentais de mercado, a quebra no preço das licenças de carbono abaixo do nível de suporte técnico dos €14,80, indicia que nas primeiras semanas de Novembro esta correcção possa ainda continuar, sendo previsível que os preços estabilizem perto dos 14€.

Francisco Rosado
 Director-Geral
frosado@ecotrade.pt

De Tianjin a Cancún... visto de Beijing

Em Tianjin, na quarta ronda de negociações de 2010, no quadro da UNFCCC, as expectativas eram muito baixas, pelo que os pequenos avanços "concretos" registados devem ser tidos como elementos no sentido de levar à tomada de algumas decisões, a partir do final do mês (29 de Novembro a 10 de Dezembro), em Cancún, no quadro de um "balanced package". (cont. pág. 2)

100:100:10.10.10

A comunidade científica considera que um certo grau de alterações climáticas irreversível é já inevitável e que cada década de atraso na mitigação necessária implica a intensificação do aquecimento global e das mudanças no Clima. Estão em risco de sofrer as conseqüências dos impactes previstos, os corais e tartarugas do mar das Caraíbas, o lago Balaton na Europa, as "neves" do monte Kilimanjaro em África, as ilhas da República das Maldivas, cedros majestosos no Líbano. Estes são apenas alguns dos exemplos dos "100 sítios a relembrar antes de desaparecerem" recolhidos pela Newsweek de 18 de Outubro.(cont. pág. 3 e 4)

De Tianjin a Cancún... visto de Beijing (cont.)

Os trabalhos em Tianjin decorreram, como é normal, dentro de dois *streams* negociais paralelos: a) *Ad-hoc Working Group on Kyoto Protocol* (AWG-KP) e b) *Ad-hoc Working Group on Long-Term Cooperative Action under the Convention* (AWG-LCA). Dentro do AWG KP foram criados em Tianjin quatro grupos de contacto: 1) sobre os "números" i.e., a escala de redução de emissões a ser alcançada pelos países do Anexo I de forma individual e agregada; 2) LULUCF (*Land Use, Land-Use Change and Forestry*); 3) Impacto social, económico e ambiental incluindo *spill over effects* e 4) assuntos legais. Por seu lado, o AWG-LCA estabeleceu os seguintes *drafting groups* de forma a permitir avançar as negociações: 1) sobre *shared vision for long-term cooperative action*; 2) sobre reforço das acções em matéria de adaptação às Alterações Climáticas; 3) sobre reforço das acções em matéria de mitigação às Alterações Climáticas; e 4) sobre finanças, tecnologia e *capacity-building*.

No campo dos "pequenos" avanços da ronda negocial de Tianjin o destaque vai para alguns *drafts* de texto em formato de decisão produzidos pelos negociadores que serão submetidos à Conferência das Partes (COP) e notas dos facilitadores que também seguirão para Cancún. O pequeno progresso verificado vai no sentido da operacionalização de alguns elementos do "balanced package" nomeadamente em tecnologia, *capacity building* e finanças.

A questão das finanças foi provavelmente, de todas as referidas, a que mais progrediu com uma discussão construtiva tendo em vista o estabelecimento, em Cancún, de um *Global Climate Change Fund* relacionado com o financiamento de longo prazo (que garanta a alocação de 100 mil milhões de USD ao ano em 2010), mas também através de um exercício de restabelecimento da confiança perdida em Copenhaga, através da discussão das *pledges* relacionadas com o *fast start financing* para o período 2010-2012 (30 milhões de USD) e o grau de adicionalidade e transparência desses fundos agora possíveis de monitorizar através do site <http://www.faststartfinance.org/content/contributing-countries>, onde também já está visível a garantia Portuguesa (36 milhões de Euros) e o montante já alocado até à data (12 milhões de Euros).

Por outro lado, e de forma a dosear expectativas para Cancún é fundamental que, quer as Partes, quer os Observadores, tenham uma "noção clara dos limites do que pode ser alcançado em Cancún e o que pode apenas ser ambicionado pós-Cancún" de acordo com as palavras da Secretária-Executiva Cristiana Figueres, que desde que assumiu este cargo parece estar a funcionar como um novo elemento dinamizador e conciliador das negociações, muitas vezes demasiado lentas e tensas.

Outros elementos para uma análise informada acerca do possível "outcome" de Cancún relacionam-se com um conjunto de eventos que tiveram lugar nas últimas semanas, desde Tianjin, a saber: 1) Cimeira do G20 em Seoul; 2) *Mid-term elections* nos EUA; 3) Eleições Presidenciais no Brasil; 4) encontro informal de Ministros de 48 países na Índia para discutir transferência de Tecnologia Limpa e o seu financiamento; 5) Visita do Secretário-geral da ONU Ban Ki-Moon à China; 6) decisão da China para promover a criação de mercados domésticos de comércio de carbono; disponibilização do Relatório do GEF para a COP.

Cancún será assim mais um passo que se espera possa contribuir de maneira construtiva para fazer emergir um novo acordo global de clima, o mais tardar no final de 2011, na África do Sul.

Let the negotiations begin!

Renato Roldão
Chief Representative Officer
rroldao@ecoprogresso.pt



100:100:10.10.10 (cont.)

Depois da implosão das negociações sobre o futuro do nosso clima em Copenhaga, no dia 29 deste mês os líderes mundiais estarão novamente reunidos no México em mais uma Conferência das Partes da Convenção Quadro das Nações Unidas para as Alterações Climáticas (CQNUAC) e em mais um encontro das partes do Protocolo de Quioto para encontrar um seu sucessor e manter a existência de um preço no carbono, muito importante para tornar as energias renováveis competitivas e nos manter no caminho do baixo carbono.

Em teoria, a ambição (ou falta dela) irá reflectir-se numa atitude perante o risco, que os decisores irão tomar pela sociedade. Será uma escolha entre adiar a acção assumindo o risco de accionar impactos irreversíveis no longo prazo; ou então, interessados em evitar o pior cenário, preferirão actuar mais cedo e de forma mais intensa. Idealmente, o objectivo é maximizar o bem-estar total da sociedade perante as condições económicas, técnicas e climáticas particulares consoante a respectiva escala. Esta é a parte que cabe aos políticos.

Mas quando se trata de acção climática não basta colocar limites nem definir objectivos, porque os Estados não conseguem sozinhos, as autarquias não conseguem sozinhas, as empresas não conseguem sozinhas e as pessoas também não conseguem sozinhas. Mas cada um, à sua escala e proporção, consegue encontrar opções menos intensivas em carbono e adoptar comportamentos mais responsáveis. Tal como diz a Nobel da Economia de 2009, a Dr^a Elinor Ostrom, *"há muitos passos que podem ser dados que sozinhos não vão resolver o problema mas cumulativamente podem fazer uma grande diferença"*.

Segundo a Newsweek cada vez mais empresas estão a internalizar opções de baixo carbono nas suas estratégias corporativas ficando mais óbvio que são decisões empresariais que fazem sentido:

- **Porque poupa e gera dinheiro** – com melhorias na eficiência energética o *Empire State Building* poupou 4,4 milhões de dólares anuais e a *DuPont* irá ter receitas no valor de 2 mil milhões de euros só este ano a vender produtos para painéis fotovoltaicos, células de combustível e outros materiais.
- **Porque é um risco reputacional** – nenhuma empresa quer assumir o risco de pertencer à lista das empresas mais poluentes. É prejudicial à imagem de uma empresa aparecer como forte oponente às energias limpas e, ainda mais grave, que as suas campanhas de comunicação sejam consideradas enganadoras. Ver por exemplo a lista da [repoweramerica](http://repoweramerica.com).

- **Por causa do efeito Walmart** – os requisitos de sustentabilidade definidos por este gigante da distribuição aos seus fornecedores revelaram um forte poder de regulação do mercado
- **Por causa do pico de petróleo** – porque as expectativas dos investidores é que o preço do barril ainda vá ficar mais caro, o mais sensato é investir em renováveis.

Para além disto, temos consumidores que exigem mais frugalidade das empresas, com um sentido crítico mais apurado detectando se a comunicação é verdadeira, factor cada vez mais determinante para a escolha das marcas em quem depositam a sua confiança. Segundo um estudo recente do ISEG, em Portugal há já um consumidor verde *"com uma consciência ecológica cada vez maior e em que as suas atitudes e comportamentos tendem a agir em conformidade em relação aquilo que acreditam"* e para dar resposta, um marketing verde tem de ser genuíno, tem de educar o consumidor, dar-lhe a possibilidade de participar no processo e não cair no "pecado" do *greenwashing*.

O mais aconselhável é não encarar a comunicação ambiental, por exemplo um relatório de sustentabilidade ou uma campanha publicitária como um veículo para fazer propaganda porque teria o valor de um mero panfleto. Guy Hayward, CEO de uma importante agência de comunicação, a JWT, diz que o "marketing verde" já não é só mais um sinal de visto na lista das boas acções. Os temas ambientais estão cada vez mais enraizados na própria decisão de marketing e na criação dos próprios produtos, serviços e das respectivas marcas.

Numa iniciativa anual da Newsweek, constatamos que há bons exemplos a seguir ao nível das empresas. Os resultados da avaliação deste ano para as 100 empresas mais verdes saíram em Outubro e revelaram que as 20 empresas mais bem classificadas são grandes nomes da área dos sistemas de informação e tecnologia – a HP, Sony, Panasonic, Toshiba, Nokia ou Vodafone. Nesta avaliação, em que pesa a pegada ecológica, as iniciativas ambientais promovidas pelas organizações bem como um índice de reputação dos seus responsáveis, surgem também Bancos e Seguradoras como a HSBC Holdings, o Barclays e a Allianz em bons lugares do Top 20. A farmacêutica Johnson & Johnson está em terceiro lugar e as congéneres GlaxoSmithKline, Novartis e Pfizer também aparecem neste top. Do sector automóvel, só a Toyota e a Honda constam da lista das 20 melhores. E as acções efectivas para a redução de emissões contribuem muito para a performance ambiental avaliada.

100:100:10.10.10 (cont.)

Na Hewlett Packard, por exemplo, a aposta na redução de emissões é comparável à paragem de 10 centrais a carvão durante um ano inteiro. No primeiro lugar do ranking americano a Dell, entre outras iniciativas, desenhou computadores e portáteis que consomem menos 25% de energia do que os produzidos no ano anterior.

Segundo os dados mais recentes do Eurobarómetro, a maioria dos inquiridos Europeus considera que as alterações climáticas são um problema muito sério e discordam totalmente que esta seriedade tenha sido exagerada. Para todos eles, em comparação com outros problemas mundiais, as Alterações Climáticas, vêm em segundo lugar. Quanto ao esforço que cada entidade (empresas e indústria, cidadãos, o Governo e a União Europeia) faz para combater as alterações climáticas, a maioria dos Europeus são da opinião que nenhuma destas entidades faz o suficiente.

De qualquer forma, os cidadãos estão motivados para serem uma das forças motrizes da luta contra as Alterações Climáticas. Assinalando o dia 10.10.10 mais de 7000 comunidades em mais de 188 países em todo o mundo organizaram eventos para propor soluções para este problema global.

Há muito espaço para as empresas mostrarem o que podem fazer e deliberadamente protegerem o clima!

Referências:

<http://www.newsweek.com/feature/2010/100-places-to-remember.html> - Os 100 sítios a relembrar quando desaparecerem

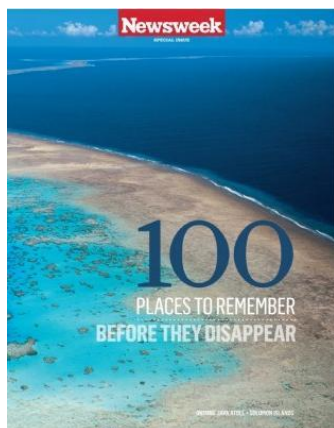
<http://www.newsweek.com/content/newsweek/2010/10/18/green-rankings-global-companies.html> - ranking da newsweek com as 100 empresas mais verdes

<http://www.youtube.com/user/350org> - resultados da campanha 10/10/10

Ana Martins

Consultora

amartins@ecoprogresso.pt



Novo Projecto: Avaliar o potencial para introduzir um sistema de Comércio de Emissões em Países em Desenvolvimento

No passado dia 19 de Agosto o consórcio da qual fazem parte a Ecoprogresso, a Development Solutions, a Climate Group e a Winrock International India, foi seleccionado pela Comissão Europeia (CE) para o desenvolvimento de um novo projecto: "Greenhouse gas emissions trading system outreach to developing countries". Este projecto tem como principal objectivo avaliar o potencial para introduzir um sistema de Comércio de Emissões (como por exemplo o existente na Europa – Comércio Europeu de Licenças de Emissão – CELE) em países em desenvolvimento.

O projecto iniciou-se em Setembro e terá a duração aproximada de dois anos incidindo a sua análise sobre os três maiores países em desenvolvimento: China, Brasil e Índia.

Com este projecto pretende-se não só analisar as capacidades internas do ponto de vista técnico e económico, de cada um destes países, para a implementação de um sistema de Comércio de Emissões, mas também identificar eventuais lacunas e definir caminhos que possam contornar as mesmas.

Este projecto é de extrema importância numa altura em que qualquer um destes países terá que pensar e/ou repensar a sua política de combate às Alterações Climáticas.

Catarina Vazão

Consultora Sénior

cvazao@ecoprogresso.pt

Carbonfree em Novembro:

Agendas Banif



NOTA:

Os textos desta *newsletter* não foram escritos de acordo com o novo acordo ortográfico.

A Ecoprogresso é uma empresa:



Para mais informações contacte:

Maria João Ramos | Departamento de Comunicação
miramos@ecoprogresso.pt
T +351 217 981 210



Para Trading de Licenças contacte:

Francisco Rosado | Departamento de Trading
frosado@ecotrade.pt
T +351 217 981 212